

# EM BUSCA DE NOVAS HISTÓRIAS: FONTES PARA O ESTUDO DA ESCRAVIDÃO E DAS POPULAÇÕES NEGRAS EM FEIRA DE SANTANA E REGIÃO (1830-1888)

**Ana Paula Cruz Carvalho da Hora<sup>1</sup>; Lucilene Reginaldo<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Bolsista Probiic, Graduanda em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: ana.cruz@bol.com.br

<sup>2</sup> Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: lureginaldo@yahoo.com.br

**Palavras-Chaves:** Escravidão, Feira de Santana, Fontes

## INTRODUÇÃO

A relevância desse trabalho reside, sobretudo, na necessidade de (re)conhecer a experiência escrava em Feira de Santana e região, que durante muito tempo foi negligenciada pela historiografia. Mesmo na década de 1980, quando se produziu vários trabalhos sobre a escravidão e resistência escrava, devido ao centenário da abolição, Feira de Santana e o Sertão da Bahia se mantiveram, praticamente, à margem do debate. É igualmente relevante o desejo de preservar uma documentação história, que já se apresentado desgastada devido à forma como estava armazenada nas dependências do Fórum Desembargador Filinto Bastos, correndo sérios riscos de destruição.

Sendo assim, o trabalho buscou franquear aos pesquisadores interessados pela temática uma série de documentos que possibilitem uma investigação das especificidades da escravidão em Feira, além de demonstrar que a escravidão e o comércio de escravo eram tão presentes em Feira de Santana quanto à comercialização do gado, até mesmo porque a manutenção de fazendas, a criação de gado e conseqüentemente a prosperidade do comércio de gado, não seria possível sem o trabalho escravo.

Com o intuito de fomentar esse e outros debates, mapeamos, catalogamos, divulgamos e disponibilizamos para a consulta na rede mundial de computadores um Catálogo Digital dos registros que envolvem escravos nos livros de notas do Tabelionato do 1º Ofício de Feira de Santana, no período de 1830 a 1885. Além disso, confeccionamos 600 DVDs nos quais estão dispostos grande parte dos 1250 peças dos documentos notarias, num total de 1867 imagens, que serão distribuídos em escolas, universidades, centros de pesquisa e arquivos públicos.

## METODOLOGIA

Após o processo de identificação do acervo documental que se tornaria objeto de catalogação e estudo, foi feita a seleção primária da documentação notarial na coleção cartorial. Um segundo passo, foi à identificação dos registros referentes a escravos/as e, posteriormente, reunir os tipos documentais perseguidos a saber: carta de alforria, escrituras de compra e venda escrituras de penhor, escrituras de hipoteca, escrituras de troca, escrituras de doação, escrituras de recibo, contratos de prestação de serviços, escrituras de destrato e testamentos solenes, nos seus respectivos livros de nota.

Para a catalogação foram confeccionadas fichas de leitura, nas quais temos privilegiado as informações referentes à escravidão, as quais se constituíram fontes imprescindíveis ao conhecimento da experiência escrava na região de Feira de Santana. Dessas informações destacamos: nome, idade, procedência/referência étnica/ cor, estado civil, morbidade, quantidade de filhos, ofício, naturalidade, preço, e nome senhores /as proprietários.

O trabalho de digitalização foi realizado com o Scanner EPSON GT 15000 A3 SCSI/USB2, já para os documentos em estado de degradação mais avançado utilizamos máquina fotográfica. Numa primeira etapa fizemos a higienização e conferência dos registros catalogados pelos bolsistas do Projeto Itinerários da Memória. Após a identificação, sempre que possível, reunimos os livros fragmentados em brochuras únicas. Neste processo identificamos vários documentos não identificados pela primeira catalogação.

Em razão do cronograma do projeto, decidimos primeiro, digitalizar os documentos catalogados. Este trabalho gerou um total de 1867 imagens, referentes a 775 registros documentais. Já os novos documentos catalogados e digitalizados somam um total de 600 peças documentais, que foram encontradas em três livros notarias de número, 05, 09, 10, 3, que já estão sendo indexados ao Catálogo Digital, disponível no link [www.uefs.br/cativosdosertao](http://www.uefs.br/cativosdosertao). Esse site está organizado em cinco ambientes-abas, na primeira, são apresentados os objetivos do projeto “Cativos as portas do Sertão”; na segunda parte buscamos situar o usuários na história da comarca de Feira de Santana; na terceira, apresentamos pequenos sumários dos documentos, bem como sua imagem na íntegra e em alta resolução; já nas quarta e quinta abas apresentamos a equipe que desenvolveu o trabalho e fornecemos os contatos para informações ou sugestões

## RESULTADO E DISCUSSÃO

Baseado na análise de 1250 peças documentais, referentes a escravos e na elaboração de tabelas referentes aos documentos de notas, encontramos dados que podem dar uma nova roupagem a história de Feira de Santana no oitocentista, a tabela 01, por exemplo, como pode ser observado abaixo, nos mostra que em Feira de Santana, não era apenas o comércio de gado o grande fomentador da econômica, isso por que o comércio de escravos ocupou lugar de destaque na cidade, sendo que era muito comum pessoas de outras cidades, estados e regiões circunvizinhas virem a Feira de Santana, comercializar escravos.

**Tabela 01: Cidades e Localidades que mantinham fluxo comercial de escravos com Feira de Santana**

1. Alagoinhas	2. Senhora do Camisão do Coité
3. Bom Despacho	4. Cidade da Bahia
5. Bom Despacho do Termo da Vila Nova da Rainha [Jacobina]	6. Juazeiro
7. Bom Jardim	8. Fre. N. Sra. Do Bom Conselho de Serra Preta,
9. Cachoeira	10. Bonfim
11. Cachoeira-PE	12. Engenho Cazumbá/Purificação dos Campos
13. Cidade da Bahia	14. Cachoeira
15. Coité	16. São Paulo
17. Coração de Maria	18. São José
19. Faz. Coqueiro	20. Humildes
21. Feira de Santana	
22. Faz. Estiva/Bonfim	23. Imbuzeiro, Distrito da F[rasgada] Nova
24. Bom Jardim/Sto. Amaro	25. Jaicó/Piauí
26. Freguesia de Riachão do Jacuibe	27. Juazeiro

28. Monte Santo	29. Lençóis
30. Oliveira dos Campinhos	31. Limoeiro
32. Capital da Província	33. Maragogipe
34. São Gonçalo	35. Monte Alegre
36. Remédios	37. Mundo Novo
38. Vila de Santo Antonio do Urubu [Vila do Urubu]	39. Nossa Senhora do Rosário do Orobó – Termo da Vila de Santa Anna do Camisão –
40. Província do Piauí – Cidade de Oeiras	41. Paranaguá
42. Camisão	43. Pedrão/Purificação

FONTE: Escrituras de Compra e Venda (1835-1888)- Livros de Nota - 1º Ofício e Notas

Entretanto, é importante salientar que o comércio de gado e de escravos não acontecia de forma individualizada, era muito comum proprietários venderem seus escravos juntamente com o gado. Como fez, por exemplo, o tenente coronel Manoel Ribeiro de Araujo, morador na cidade de Santo Amaro, em 1876, ao vender ao senhor Francisco, morador na Freguesia de Humildes, seis escravos que trabalhavam na lavoura e juntamente com eles cem cabeças de gado<sup>1</sup>. Já o intendente Antonio Pereira Suzarte, morador de Feira de Santana, vendeu a dona Maria Leopoldina Guimarães, também moradora da mesma localidade suas duas casas, dois escravos de nomes Anastácia e o seus filhos João Aluizo e Phelomena, trinta e nove cabeças de gado, oito bois de carro, a Fazenda de Lagoa Grande e todas as suas benfeitorias na Freguesia do Coité<sup>2</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva de compreender a dinâmica das alforrias em Feira e região, elaboramos a tabela 03, mostrada abaixo, que nos deu um panorama da quantidade de escravos alforriados. Mas não, só isso, essa tabela nos mostra, também, que a maioria das cartas de liberdades eram compradas pelos próprios escravos, e que as escravas, em especial, dominavam esse tipo de negociação, seja para comprar sua liberdade ou a de algum membro de sua família.

<b>Sexo</b>	<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>	<b>Total de Alforrias</b>
<b>Escravos Alforriados</b>	390	220	610
<b>Alforria comprada por escravo</b>	325	87	412

FONTE: Escrituras de Compra e Venda (1835-1888)- Livros de Nota - 1º Ofício e Notas

A análise desses dados nos faz indagar como esses escravos e de modo especial as escravas acumulavam pecúlio para conseguir negociar com seus senhores sua liberdade. Acerca disso, Mary Karasch assevera que “os cativos aproveitavam as numerosas oportunidades de uma economia urbana dinâmica para ganhar dinheiro e pagar o preço de uma carta de alforria”<sup>3</sup>. Desse modo se evidencia a importância que tinham os escravos na dinâmica econômica da região, já que a Feira de Santana oitocentista era uma localidade economicamente ativa, na qual conviviam,

<sup>1</sup> Folhas avulso, 24 de agosto de 1876, fls. 170-v.171

<sup>2</sup> Livro 1888, fl. 34v-35

<sup>3</sup> KARASCH, Mary. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*, p 440.

concomitantemente, a monocultura da cana-de-açúcar, a pecuária, as culturas do tabaco, do algodão e da mandioca<sup>4</sup>. Entretanto a manutenção dessa monocultura, pecuária e, conseqüentemente, a prosperidade do comércio de gado e seus subprodutos, não seriam possíveis sem o trabalho escravo, o qual juntamente com o comércio de gêneros alimentícios, abriu brechas para que escravos pudessem participar do comércio e acumular pecúlio.

Acerca disso um caso peculiar e muito interessante foi caso da escrava Maria, que em 1869, comprou sua liberdade pelo valor de 70\$000 réis e 14 cabeças de gado<sup>5</sup>. Esses dados também apontam para a possibilidade da existência da brecha camponesa nessa região. Como bem assevera João José Reis e Eduardo Silva<sup>6</sup> a brecha camponesa era um mecanismo de manutenção da ordem escravista, sendo que a lógica girava em torno de uma negociação onde o senhor, no intuito de controlar os escravos, cedia-lhes um pedaço de terra e estes em contrapartida, aceitavam, na intenção de poder viver melhor. Em outras palavras a brecha camponesa seria para os escravos uma forma de resistência por meio da qual existia a possibilidade de acumulação de pecúlio para compra da carta de alforria sua e de seus filhos.

Um exemplo interessante da complexidade das relações senhor/escravo é a história dos escravos Maximiliano, Marcário, Manoel, João, Clara, Cecília e Vicente, trabalhadores de uma fazenda na Freguesia de Tanquinho, que em 1881, receberam de doação de senhor Antonio Joaquim da Silva, “*um pedaço de terra nas costas da serra de Tanquinho*”<sup>7</sup>. A partir desse documento, podemos indagar, por exemplo, sobre quais condições essas terras foram doadas? E no pós-abolição, qual destino tiveram essas pessoas? Será que foi uma prática comum na região de Feira de Santana, a doação de terras para escravos?

Devido a todas essas possibilidades e a riqueza histórica dessa documentação entendemos que deve haver cada vez mais urgência e empenho na sua preservação e conservação, salvaguardando, dessa forma, e memória e história das populações negras.

## REFERÊNCIAS

NASCIMENTO, Flaviane Ribeiro. **E as mulheres da Terra de Lucas? Quotidiano e resistência de mulheres negras escravizadas (Feira de Santana, 1850-1888)**. – Feira de Santana. Monografia, UEFS. 2009

FREIRE, Luiz Cleber. (2007). **Nem tanto ao mar, nem tanto à terra: agropecuária, escravidão e riqueza em Feira de Santana, 1850-1888**. - Salvador. Dissertação de Mestrado, UFBA

KARASH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808 -1850**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

REIS, João José e Silva, Eduardo. **Negociação e conflito: resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

LIMA, Zélia de J. (1990). **Lucas Evangelista: o Lucas da Feira: um estudo sobre a rebeldia escrava em Feira de Santana**. Salvador. Dis. de Mestrado

<sup>4</sup> NASCIMENTO, Flaviane Ribeiro. **E as mulheres da Terra de Lucas? Quotidiano e resistência de mulheres negras escravizadas (Feira de Santana, 1850-1888)**, p. 10.

<sup>5</sup> Livro: 12, 1869, fls. 64r-64v

<sup>6</sup> REIS, João José e SILVA, Eduardo. **Negociações e Conflito; a resistência negra no Brasil escravista**, p, 22-32.

<sup>7</sup> Livro- Folhas Avulsas, 1881, fls. 87v.